

O ESPECTRO

SEMENARIO POLITICO

Biblioteca Municipal de Lisboa
 Direcção Municipal da Cultura
 Departamento de Acção Cultural
 Divisão da Rede de Bibliotecas
 Câmara Municipal de Lisboa

O grande escandalo no consulado portuguez de Paris

Acaba de dar-se em Paris, no consulado portuguez, um escandalo vergonhoso, devido á ineptia do sr. ministro dos negocios estrangeiros, que não tem feito senão comprometter o paiz com a sua administração nefasta em que tudo é sacrificado á sua doentia monomania religiosa.

Por mesquinhas questões de etiqueta, e para satisfazer os desejos do **pustuloso diplomata da Cruz do Soutulho, do emprestimo Youle e de Pinus Puente**, o sr. Barros Gomes transferiu para Inglaterra o sr. visconde de Faria que em Paris exercia ha muito tempo com superior competencia o cargo de consul. Transferiu para elle o sr. Eça de Queiroz.

Eram mesquinhos e vis os motivos d'esta transferencia.

Não é, porém, d'elles que agora queremos tratar.

Um acontecimento muitissimo mais escandaloso reclama a attenção do paiz, para que todos vejam a que vexames, os homens que governam em Portugal, nos estão expondo no estrangeiro

Tinha o sr. Barros Gomes dado licença ao sr. visconde de Faria para vir a Lisboa. Só podia portanto ser feita a entrega do consulado quando se esgotasse essa licença e o sr. visconde voltasse a Lisboa.

Pois o diplomata da Cruz do Soutulho, o celebre conde de Valbom **que tem illustrado o seu nome com a pratica das mais insignes traficancias**, mandou á viva força tomar posse do consulado que tem a sua installação em casa do antigo consul e ousou chamar para esse fim em seu auxilio a policia de Paris, dando assim ao povo da grande capital franceza o picante espectáculo do as-

salto ao consulado de Portugal como se fôra coito de criminosos!

E o governo permite que o sr. conde de Valbom, digno representante do bandoleirismo progressista, arraste assim em Paris a bandeira portugueza pelas esquadras de policia, e que a exponha aos motejos e ás troças que por certo agora nos estão sendo feitas nos cafés de Paris, por todos quantos souberem que o representante de Portugal recorreu á policia para assaltar o consulado de Portugal!

Protestamos contra este vergonhoso attentado praticado contra o decoro da nação por um individuo que devia timbrar em manter alto e levantado o nome portuguez.

Não quer talvez o sr. ministro dos negocios estrangeiros ouvir os protestos da imprensa. E' mesmo de crer que a Virgem lhe inspire algum officio de louvor para o immoralissimo e ascorosissimo sujeito que em França representa este paiz, como se não existisse aqui gente sufficientemente limpa para no estrangeiro honrar a sua patria tanto pela sua superioridade de vistas como com a respeitabilidade do seu caracter.

Nada d'isso será para estranhar, visto que o sr. Barros Gomes tem sido o mais desastrado e imbecil dos ministros que tem gerido a pasta dos negocios estrangeiros. Fallamos só da imbecilidade e dos seus desastres, porque da sua moralidade diz de per si o bastante a celeberrima e edificante historia da testamentaria do Maranhão.

Nada d'isso será, pois, para estranhar.

O sr. Barros Gomes é capaz de praticar todas as inconveniencias, exactamente como o homem da Cruz do Soutulho é capaz de praticar todas as infamias.

Mas deverá acceitar sem correctivo os actos de humilhação que lhe estão sendo infligidos? Poderá consentir em que o decoro da sua bandeira seja miseravelmente arrastado pela lama dos boulevards de Paris e escarnecido pela policia?

Este grave attentado contra as mais rudimentares conveniencias nacionaes, reclamava a immediata demissão do miserando especulador do em-

prestimo Youle. Depois de ter planeado e feito executar o vergonhoso escandalo de mandar entrar um commissario policial com os seus subalternos no consulado portuguez, onde a policia não tinha nada que fazer e onde não podia entrar sem justificadas formalidades, depois d'essa inqualificavel loucura, o sr. Barros Gomes tinha obrigação immediatamente demittir o plenipotenciario que tão pouco preza o decoro do seu paiz.

Mas não o demittiu nem o demitte.

O sr. Valbom é um dos personagens que surgiram da lama da immoralidade que tem enoadoado o paiz. Explora a corrupção do ministro. Até agora exercita as suas habilidades no santo mister de contrabandista, negociando em Lisboa com as sedas que sempre traz nas malas quando vem de visita a Lisboa, malas que nunca são abertas...

E como o famoso *Pinus Puente* conhece os traficantes com quem lida, e não tem escrúpulos de ordem nenhuma, elle tem medo de que elle lhes ponha a nu a escandalosa chronica.

Este é o motivo porque o sr. conde de Valbom fica em Paris, exactamente como o governo fica nas secretarias a envergonhar o paiz com as mais revoltantes patifarias.

O que toda esta gentinha quer é comer, comer e comer.

E' insaciavel.

O governador civil de Aveiro

Resolveu se enfim o sr. José Luciano a substituir no governo civil de Aveiro o infamissimo traficante que ali tem tão brilhantemente sustentado a politica progressista.

Melhorará este facto a situação anormal e perigosa em que se encontra a cidade de Aveiro?

Não póde negar se que a demissão do **chefe dos assassinos e caceteiros de Ovar**, representa até certo ponto uma satisfação dada ao brioso povo de Aveiro, que tem sido ignobilmente provocado pela malandragem predilecta do sr. presidente do conselho e inspirada pelo mano d'este, outro traficante do qual se contam infamias que bradam aos ceus e reclamam costa d'Africa ou Penitenciaria.

E' de crer que essa satisfação acalme ali algum tanto ou quanto os animos irritados por causa dos abusos da corja.

Mas illude-se o sr. José Luciano se julga que demittindo o triste funcionario aveirense, consegue attenuar as responsabilidades em que inpuen-

temente incorreu dando apoio ao bando de ciganos de Ovar, que o sr. Manuel Firmino capitaneia, e com os quaes tem praticado infames attentados de galopim nascido da mais repugnante podridão politica.

De ha muito que a imprensa e o povo de Aveiro reclamavam a demissão do desautorizado e immoralissimo governador civil, que em tantas e tantas patifarias tem constantemente illustrado o seu consulado.

São conhecidas as infamias de Ovar. Tinham ali os regeneradores a maioria dos quarenta maiores contribuintes e por esse motivo lhes pertencia a maioria da commissão do recenseamento. Chegou o dia da eleição d'essa commissão e o reles bandido poz em campo os seus caceteiros e assassinos, ordenou ao administrador que fizesse espancar os seus adversarios e assim roubou aos regeneradores não só a maioria, mas tambem a minoria da commissão do recenseamento.

Os peregruidos tiveram de refugiar-se em casa, sendo ainda assim desancados alguns. Nem d'este modo, porém, ficou satisfeita a monstruosa ferocidade do governador civil e dos seus cúmplices.

A malandragem uivava sequiosa de sangue: quiz assaltar as casas dos adversarios, e levantou forcas nas quaes em effigie executou com sinistro rancor os chefes dos seus adversarios!

Não ha muito tempo que o paiz ouviu com pasmo a narração d'essa epopeia de crimes que o sr. José Luciano de Castro deixou perpetrar na villa de Ovar, onde durante dias se fecharam os estabelecimentos, e muita gente deixou de sair á rua com medo dos assassinos que o administrador do conceito commandava de revolver em punho.

A' monstruosidade d'essa enorme serie de infamias, devia corresponder um severissimo e exemplar castigo, para que de futuro todas as autoridades ficassem sabendo que se não affronta impunemente a liberdade dos cidadãos.

Porém, o sr. José Luciano de Castro preferiu applaudir as torpezas, concentrando contra si a opinião de todos os homens honestos, a reprimir os abusos do homem que a imprensa tem accusado de crimes os mais infamantes, adduzindo irrefutaveis provas de culpabilidade que seriam mais que sufficientes para levarem o sr. Firmino e outros da «troupe» a acabarem os seus dias no fundo de uma caxovia.

O seu rancoroso facciosismo, o seu caracter perverso e por feitio de familia abjecto até ao cumulo da indignidade—tão abjecto que em um dos actos mais intimos e solemnes da sua vida, se arrastou pelas ultimas baixezas e deprava-

vações—levou-o a transigir com o bando e a cobrir e apoiar as infâmias de Orar.

Foi a impunidade de então que deu ousadia á malandragem para praticar os crimes de agora.

Toda a gente previa o que aconteceu, porque ninguém desconhece os precedentes do homem sem princípios, sem convicções, sem decoro e sem honra que o sr. José Luciano levantou até ao cargo de governador civil de Aveiro, sem querer saber das acusações que lhe endoaram a reputação.

Porque foi pois que só agora resolveu substituir aquelle funcionario ao primeiro cargo do districto de Aveiro?

E' isto que precisa de ser averiguado.

Mova-o apenas a assignar essa demissão o recio que tem de que uma grande tempestade na cidade do Vouga arremesse para a sepultura o actual governo que de ha muito devia estar a acabar de apodrecer no fundo do abysmo, para onde resvallam os torpes?

São graves as responsabilidades em que incorreu e nada as pôde atenuar.

Diz-se que o sr. José Luciano pensa em dar ao chefe dos caceteiros aveirenses uma rendoza comezia em Lisboa!

Mas então os dinheiros publicos servem para remunerar as proezas dos vis?

Acaso chegamos a um tempo em que emquanto um miseravel esfomeado que rouba um pão é mettido na cadeia os bandoleiros que roubam contos de réis dos cofres publicos são premiados com rendosas comezias?

Será porventura acto meritorio assaltar assassinos com o dinheiro furtado do governo civil de Aveiro?

Responda a consciencia de quem nos ler.

O bandoleirismo progressista attingiu os extremos limites de audacia e de cynismo.

Torna-se absolutamente indispensavel que o paiz varra esse lixo.

Está ahí a compestar tudo...

Os roubos á fazenda nacional

Lêmos nas ephemerides do *Diario de Notícias*:

Agosto 29

São sentenciados á morte seis reus accusados de roubar a fazenda nacional

No seculo passado ainda eram castigados com o maximo rigor os roubos á fa-

zenda nacional, e d'isso temos um exemplo nas sentenças proferidas em 29 de agosto de 1769, pelas quaes foram condemnados á morte 6 individuos accusados de defraudarem o estado principalmente na cobrança das decimas.

Os seis réus, cuja execução se verificou no 1.º de setembro, na praça do Rocio, eram o bacharel José Joaquim Damaso Xavier de Oliveira, juiz do crime do bairro de Andaluz e superintendente do subsidio militar das decimas na freguezia de Santa Isabel; o escrevente d'este juiz Matheus Ignacio; Jeronymo Nunes da Costa, que vivia em casa do bacharel e a quem chamava sobrinho; Francisco Xavier da Silva, escrivão da vara do meirinho do bairro de Santa Catharina e cobrador da decima da parte d'essa freguezia nas proximidades da Bica de Duarte Bello e finalmente Antonio Baptista, que por algum tempo fôra meirinho da decima da freguezia da Magdalena.

É verdade, no seculo passado ainda eram rigorosamente castigados com o maximo rigor os roubos á fazenda nacional.

Agora, é o que se vê...

Nem o proprietario do opulento *chalet* do Luzo tem a sorte do bacharel José Joaquim Damaso Xavier de Oliveira, nem mesmo consta que esteja em vespas de ir fazer companhia aos gatunos celebres que se albergam no palacio do conde de Andeiro.

Antes pelo contrario, continua a enriquecer impunemente graças á industria de ministro que está explorando.

Para tomar contas pelos actos do ministro da fazenda, tambem não consta que se levantasse o patibulo no Rocio.

E' que hoje em dia os roubos á fazenda nacional estão fóra da alçada da justiça.

Se assim não fôra, que de sentenças condemnatorias a magistratura não teria de lavrar por crimes d'essa natureza desde que a quadrilha progressista está no poder?!

Estamos certos de que, se os actuaes ministros vivessem no seculo passado, já tinham sido enforcados pelo menos uma boa duzia de vezes...

A COMPANHIA DE JESUS

CAPITULO XIII

Da eleição que se deve fazer dos rapazes para os admittir na companhia e do modo de os conservar

2. Para os attrahir mais facilmente ao nosso instituto, será necessario que, enquanto elles estudam, os reitores dos collegios e os mestres que os instruem, os obsequiem; e no intervalo de tempo da aula devem capacital-os, quanto é agra-

davel a Deus, se algum, com tudo quanto possui, se dedicar a elle com particularidade na companhia de seu filho.

3. Conduzam-os, quando houver oportunidade, pelo collegio e pela cerca, e mesmo algumas vezes ás quintas; que nas horas de recreação se achem na sociedade dos nossos, e se lhes façam pouco a pouco familiares, tomando comtudo cuidado em que a familiaridade não produza o menos respeito.

4. Não se consinta que os nossos os castiguem, e os colloquem nas suas obrigações com os outros discipulos.

5. E' necessario induzil-os com pequenos mimos e com distincções analogas á sua idade, e os devem exercitar principalmente por conversações espirituaes.

6. Que se lhes inculque não serem escolhidos entre tantos outros que frequentam o mesmo collegio sem haver n'isto providencia divina.

7. Em outras occasiões, principalmente nas exhortações, é preciso assustal-os com ameaças da condemnação eterna se elles não obedecem á vocação divina.

8. Se elles constantemente instarem para entrar na companhia, dilatam-lhes o admittil-os quanto mais permanecem constantes. Se se mostrarem variaveis, sem demora os aproveitem de todos os modos o maneiras.

9. Efficazmente os admoestem a não patentearem sua vocação a algum de seus amigos, nem mesmo a seu pae ou a sua mãe, antes de serem recebidos na companhia.

Porque se lhes sobrevier alguma tentação de retractar-se, tanto elles como a companhia sempre terão occasião de praticarem o que quizerem, e se vencerem a sua tentação, haverá sempre oportunidade de os acceitar, trazendo-lhes á memoria quanto se lhes tem dito, se isto acontecer no tempo do noviciado, ou depois de terem feito os votos simples.

(Continua).

Triumpham os traficantes!

Acabamos de saber que o sr. Emygdio Navarro comprou por 27 contos de réis a propriedade do «Jornal da Manhã», do Porto.

Triumphou, pois, a mais desbragada immoralidade.

Os mais vis são os que mais trepam.

Já o sr. Antonio Candido o tinha dito:— Hoje em dia as vozes que mais valem, são aquellas que retinem como o ouro no calculo das operações fabulosas.

Traduzido em vulgar quer isto dizer que **quem for tão desvergonhado como os actuaes ministros; quem tão pouco como elles prezara dignidade do seu nome; quem pozer em almoeda o seu valimento, a sua honra e a sua influencia,** pode facilmente chegar a ser ministro, levantar *chalets* dourados no campo, ter carruagens famosas, viver no grande tom e, á cautella para salvaguardar es azares da velhice, comprar jornaes de 27 contos!

Ahi estão os ministros do partido d'esse grande oradrr sagrado a confirmar o que elle disse.

Ninguem como elles tem tão poucos escrupulos em deitar a mão ao alheio, nunca se viu que funcionario algum ousasse com tão infame desaforo negociar com o poder, defraudando os contribuintes.

Em tempos que já lá vão os srs. Mariano de Carvalho e Emygdio Navarro, accusaram violentamente o sr. D. Luiz de querer devorar a substancia da nação como se fora succulenta alcachofras.

Accusaram mais o chefe do estado de metter as mãos no thesouro publico para saciar torpes caprichos.

Pois os immundos Pasquinos estão hoje demonstrando que **o criterio que os inspirava não era outro senão o de assaltarem o erario para saciarem os seus appetites e instinctos de feroz rapacidade.**

Não ha nada mais claro.

Os vis ainda ha pouco não tinham onde cabir mortos.

Antes de assaltar o poder o sr. Emygdio Navarro devia ao padeiro, ao alfaiate, á modista, á mercearia, ao sapateiro e aos amigos. Tinha na casa Moura Borges & C.^a uma letra de 450\$000 réis que não podia pagar.

Pois não obstante tudo isso, após pouco mais de dois annos de poder, o alliado do empreiteiro Hersent deslumbra o paiz com a sua espantosissima opulencia, da formidavel opulencia do repugnante monumento do Luso, e já até compra jornaes por vinte e sete contos de réis, prevendo talvez, que deve acautellar os accasos da velhice, porque sae do poder marcado com um indelevel ferrete de ignominia, que não mais lhe permittirá voltar a ser depositario de qualquer parcella de poder.

Um cumulo de infamia.